

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Álvaro do Carvalho
Os Canibais



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Álvaro do Carvalho

Canibais

Publicado originalmente 1868.

**Álvaro do Carvalho Sousa Teles
(1844 – 1868)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 371



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Álvaro do Carvalho: “*Canibais*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Álvaro do Carvalho nasceu no dia 3 de Fevereiro de 1844, e faleceu em 14 de Fevereiro de 1868.

A vida de Álvaro do Carvalho foi breve. Nascido em Argeriz, uma pequena localidade da região de Trás-os-Montes e Alto Douro, frequentou o liceu humanístico em Braga, onde principiou a publicar poesia e prosa nos jornais locais e principiou a compor o seu primeiro "romance" (termo com o qual definia os seus contos). Em 1862 publicou o drama "O castigo da vingança!". No mesmo ano matriculou-se na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, cidade onde conseguiu relacionar-se com a redação da revista *A Folha* e com alguns jovens intelectuais, sobretudo José Simões Dias (1844 -1899) e João Penha, que de seguida fariam parte da chamada "Geração de 70" (ou "Geração de Coimbra").

Com a idade de 24 anos, quando frequentava o quarto ano universidade no distrito de Coimbra, foi-lhe diagnosticada a presença de um aneurisma. Angustiado e consciente do pouco tempo que lhe restava para viver, tratou de organizar a recolha dos seus contos, os quais, porém, não conseguiu rever completamente; os seus *Contos* foram publicados postumamente por ação de José Simões Dias.

Entre os *Contos* está incluindo o conto longo/novela *Os Canibais*, considerado a obra-prima de Carvalho e um dos melhores exemplos do género negro ou gótico. A história tem experimentado nos últimos anos um notável sucesso graças sobretudo ao filme homónimo de Manoel de Oliveira, realizado em 1988 em estilo operático sobre libreto e música João Paes. .

Wikipédia
Junho de 2014

ÍNDICE

CAPÍTULO 1	1
CAPÍTULO 2	4
CAPÍTULO 3	9
CAPÍTULO 4	13
CAPÍTULO 5	18
CAPÍTULO 6	24
CAPÍTULO 7	29
CAPÍTULO 8	33

CAPÍTULO 1

Disse a crítica pela boca de Boileau:

Rien n'est beau que le vrai,

e não tardou que as fábulas, arabescos exóticos e exageros, oriundos principalmente dos tempos heróicos, perdessem toda a soberania dantes exercida na ampla esfera das boas letras. Os Prometeus, os Hércules, os Teseus e as Esfinges, se não desapareceram em pó, lançados aos quatro ventos, é porque era necessário que se conservassem os padrões que deviam guiar o filósofo através dos labirintos do passado. Por isso lá estão firmes ainda em seus pedestais de pedrarias, mas ofuscados pela luz brilhante que só vem da verdade.

Todavia não deixarei eu de confessar o amor, que sempre tive por contos de fadas, para que se não estranhem algumas murmurações, acaso fugitivas, no ato de me sacrificar às exigências desta geração pretensiosa.

Sacrifico-me. Mas, como não sou dado a transcendências, pois abomino tanto a incógnita dos matemáticos, como a Dulcineia dos Quixotes, abro sobre os joelhos uma crônica, que casualmente me veio à mão, e, aproveitando os cabedais da minha escolha, deixarei deste modo de ser constrangido a inventar, no que iria grande perigo de volver costas à verdade.

O meu conto é amador do sangue azul; adora a aristocracia. E o leitor há de peregrinar comigo pela alta sociedade; hei de levá-lo a um ou dois bailes, e despertar-lhe o interesse com mistérios, amores e ciúmes dos que se armazenam por esses romances de armar ao efeito. Ora ouça, que eu principio moldando-me pela velha costumeira:

A abóbada azul do céu alumiaava com milhões de estrelas os coruchéus, obeliscos e arcadas da decrépita arquitetura da cidade. Estava sereníssima a noite. Porém a atmosfera fazia lembrar os gelos da Sibéria. Para contraste brotava na sala do baile uma primavera aberta e resplendente. A vertigem das valsas despargia alentos que se iam transformando em insânias de febre.

Quem não sabe o que é um baile? E todavia sinto-me tentado a descrevê-lo, sem desconhecer que nisso irá falta de modéstia, e trabalho verdadeiramente ocioso. Mil poetas, no exagero de aprimorados versos, têm sabido pintá-lo, sem omissão de algum dos matizes, que o abrilhantam. Melhor será, portanto, que o leitor veja a descrição do meu baile em qualquer poema artisticamente fantasioso, porque nisto de descrições não há sair do mesmo terreno. Senão, aqui lhe dou os traços de

um aligeirado esboço!

Flores das mais odorantes em gigantescos jarrões de esmaltada porcelana; a arte a revelar-se por toda a parte, na moldura dos espelhos, nos painéis, nos tetos dourados; emanações balsâmicas a exalarem-se por esses recintos encantados; ao longe uma música voluptuosa, não sei de que *maestro* inspirado; e, sobressaindo a tudo, pares animados de muita vida e muito amor, abandonando-se à efervescência das danças, correndo agora numa iriada mistura de cores, para ligeiros se separarem logo debaixo dos olhos curiosos dos que se contentam em ver, esteados com certo ar estudado ao mármore das colunatas, ou recostados nas voluptuosas otomanas.

O sol majestoso dum formoso dia de Verão não se projeta mais radiante sobre as asas e sobre as pétalas, ricamente variegadas de mil borboletas e de mil flores, do que aqueles centenaes de sóis artificiais, dardejados dos cristais reluzentes, sobre as vestes suntuosas, que as damas arrastavam pelos aveludados tapetes.

Como nas libações em honra do esperto Baco, em que sacerdotes e sacerdotisas entram mornos, ou mesmo arrefecidos, para depois, ao empunharem a vigésima taça do licor fervente, deixarem rebrilhar os olhos e desgrenhar os cabelos no “evohé!” do entusiasmo, assim no baile tinha a ebriedade dos prazeres despertado adormecidos sentimentos.

Avultava contudo ali uma vista desassossegada e inquieta, que, sobretudo, feria alguns observadores, que nem curavam de ocultar o frenesi, que os assoberbava.

Histórias do coração por certo.

Margarida é uma das mulheres fatais, que atraem irresistivelmente. Solteira, homem, que por desgraça a fitou, quer ser um Romeu; casada, não faltariam Werthers, que rebentassem o crânio para lhe merecer uma saudade.

No cortejo brilhante não faltava desde o primeiro titular, ao brasileiro sem títulos, coisa rara em sublunares regiões. Ela era o ídolo acatado de todos os crentes.

Mas para que estará no baile tão triste e distraída? Pousa melancolicamente a cabeça no ombro do par, e nem lhe percebe as palavras amorosas, naquela *rêverie* feminil, que é para o homem, que ama, um inferno de torturas.

Soam onze horas. Ela treme, e relanceia pela última vez os olhos para a porta da entrada. Depois, desfalecida, desprende um suspiro, e deixa-se arrastar como insensível no revoltear das mazurcas.

Por este tempo, numa sala apartada, fumavam dois cavalheiros. Um apoiava-se com esquisito *dandismo* no friso de um fogão, rematado em florões caprichosos; o outro, prostrado numa cadeira, e com as pernas comodamente cruzadas em frente das brasas vivas. Alimentavam diálogo medido e monótono.

— Tenho esperanças, dizia com certo orgulho o que se conservava de pé, puxando das nascentes guias do bigode.

— Vaidade, D. João! retorquia o outro. Sou veterano nessas campanhas. Glorio-me de ter rasgado com esta mão véus do mais sagrado pudor; e contudo Margarida...

— Margarida é mulher.

— Pois sim, mas quem te assegura a vitória?

— Tudo, responde o denominado D. João, um tanto ofendido pela dúvida do interlocutor. Pequenos favores concedidos, um volver de olhos...

— Ilusões do amor-próprio. Olha, podes dar-me crédito, a taça da ambrósia, que apaga sedes de amor, não há de ela levar-ta aos lábios. Margarida é das poucas mulheres, que têm só um coração, para ser dado uma vez só.

— Onde te vem tanta sabedoria acerca da mulher?

— Quando me não sobrasse experiência própria, tinha aí Balzac.

— Ah! e sorriu desdenhoso. Ainda assim, continuou: posso eu obter...

— O que é doutro, decerto que não.

— Então Margarida?...

— Ama.

— A ti, barão?

— Não, por minha miséria.

— Pois a quem?

— Ao visconde de...

Interrompeu-o uma voz, que anunciava:

— O senhor visconde de Aveleda!

Os dois amigos estremeceram e precipitaram-se para a porta. A dança interrompera-se. Os cavalheiros agrupavam-se à entrada do salão. As damas ficaram turbadas e indecisas. Margarida virou o rosto jubiloso para um espelho, e, contente de si, abandonou-se sobre as almofadas duma otomana, escondendo por detrás do leque o rosto purpureado.

Que será?

Corrido um reposteiro, viu-se despontar no limiar da porta um homem estranho. Era desses homens que se não descrevem e que devem de ser o desespero dos Van Dick e dos Ticianos. Tanto poderíamos dar-lhe trinta, como quarenta anos de idade. Subia na estatura acima do regular; e no rosto pálido, mais simpático pela barba negra, curta e fina, que o moldurava, deixava adivinhar uma longa peregrinação de amarguras. Era a perfeita realização dum tipo ideal e misterioso, como os concebia Byron. E misteriosa era a história da sua vida. Dos mil extravagantes boatos, que corriam como para lhe aumentar o prestígio, só se sabia ao certo que viera da América, e que era benquistado dos doutos e dos sensatos.

Avançou pausado e grave pelo meio da multidão fascinada. Mas naquele movimento notava-se um esforço dissimulado; parecia um movimento mecânico, automático. E seus passos soavam no pavimento, a despeito dos finos tapetes, com extraordinário ruído. O impetuoso D. João, o moço apaixonado, que o leitor acaba de conhecer, fixava-o de olhar ardente. Tinha diante de si o homem que soubera arrancar-lhe a mais querida das suas esperanças. Passou-lhe na mente um lampejo de raiva: aventurou-se a roçar por ele, indiscreto e temerário. Mas naqueles membros pareceu-lhe encontrar, pelo tato, a inércia do granito. Fixou-o mais, e recuou repassado de um irresistível pânico.

Julgara ver *a estátua irônica do comendador*.

CAPÍTULO 2

Uma história qualquer, que se extraiu duma crônica, deve ter necessariamente em vista, ou a propagação de acontecimentos memoráveis perdidos na variedade de muitos fatos, ou a manifestação característica dos costumes dum povo numa época marcada. Colocar o fato no local, que lhe é próprio, é sem dúvida a primeira obrigação, que em ambos os casos compete ao narrador. Não o desconheço. Porém de melhor grado me sujeitara eu ao rabujar da crítica, do que a fixar a ação do meu conto neste ou naquele país, visto ignorar a qual pertença, por uma omissão desgraçada no importante manuscrito que tenho ao lado.

Amo a fidelidade. E nessas simples palavras deixo a explicação da minha abstinência no emprego de cores locais.

Contudo, tornava-se preciso que a cena se passasse em alguma parte.

Refleti, com a madureza, que o caso pedia, e por fim, vencido da necessidade, quase me resolvi a levar os meus heróis para o Japão, onde qualquer sombra do extraordinário seria menos notada por sobrenatural; pois, quanto mais ao longe se vêem as coisas, tanto mais elas avultam, medidas pela imaginação, pródiga ordinariamente em ouropéis e garridices de todos os feitios. Demais, o abuso que por esse lado fizesse de boa-fé do leitor não conseguiria empalidecer o merecimento à obra, porque sem ser patente nela o cunho dos estudos trabalhados, que abrem as portas das academias, lá lhe ficava a parte moral digna de se germanar a esses contos, luxo da infância, justamente denominados — tesouro de meninos.

Oscilava neste plano quando me veio desviar do intento a lembrança desastrada de que vivemos em tempos civilizados, tempos em que Antônio José cedeu lugar à alta comédia, no período áureo da circumspecta casaca e do chapéu alto.

Mal me serviria portanto o Japão. Filho da época, irei com ela. Fora mesmo atentado buscar modelo nos grotescos desasados do velho Portugal, quanto mais retroceder a ponto de me valer das roupagens cômicas dos japoneses.

Enfim, quebro o fio às divagações para me dedicar à história, que o merece. Escolha o leitor a capricho o local da ação, que daí lavo eu minhas mãos, contanto que se não ausente do país em que sejam lidos Dumas e Kock, e onde abundem seminários, escândalos e sotainas.

Suponha o baile — se lhe apraz, mesmo por comodidade ou propriedade — suponha-o em Lisboa, na faustosa habitação duma Ninon de Lenclos contemporânea. Lá deixamos o vulto simpático do visconde de Aveleda, perturbando a harmonia da festa com a surpresa da sua aparição. Agora vamos encontrá-lo no meio do luxuoso bulício, oprimido de profunda melancolia; melancolia essa que parecia refletir-se em todos os semblantes, como se o dele fosse um espelho animado. Tal era a vaga expressão das nobres feições do visconde, que deixava perceber o quer que fosse de semelhante às forças atrativas e repulsivas do magnetismo. As damas sentiam-se fascinadas, os elegantes receosos e agastados, desse agastamento — antes mau humor — que provém da humilhação; porque os humilhava a simples presença daquele homem, que no dizer deles mais era um mito que outra coisa.

Pouco se lhe dava ao visconde do efeito que produzia. Não se erguera ainda da cadeira em que se havia deixado cair, e, afora algumas palavras delicadas, ou gestos a que o obrigava a cortesia, di-lo-iam insensível estátua.

— Falaste-lhe? perguntava Margarida com vivo interesse, designando-o a uma sua amiga, a quem saíra ao encontro.

— Agora mesmo.

— Então?

— Ai, menina! Não sei dizer-te o que sinto. Nunca encontrei homem assim. Se soubesses como a expressão corria suave daqueles lábios, como o seu sorriso era triste... Não me enganaste: seio de mulher não pode sem estremecer...

Cortou-lhe a palavra um beijo afetuoso. Margarida não pudera ouvir mais. Estava pálida, tremiam-lhe os lábios, e no seio ofegante sentia que lhe rebentavam paixões desconhecidas. Deve de estar assim a mulher que, sem hesitar, desfolha as flores rescendentes da virgindade aos pés do eleito do seu coração. Caíra em langoroso desfalecimento, pregando os olhos negros, apaixonados, com que a natureza faz perigosas as mulheres do meio-dia, num ponto incerto, que ela não divisava, porque andava longe, na morada das formosas quimeras.

A orquestra começava uma valsa. Margarida, a ardente amadora das valsas, recusava desta vez a cintura delicada ao contato libidinoso de mão masculina. E como não? Junto ao visconde de Aveleda vira um lugar sem dono. O seu único pensamento fora apossar-se dele, esquecendo — ela tão cautelosa! — que franqueava passagem à eterna maledicência.

Do pensamento à realização não decorreu um momento.

Foram breves as palavras, que trocou com o visconde; porém, tais coisas disseram, que ficaram momentos — ele enlevado, ela comovida.

— Sabe, visconde, diz ela afinal para quebrar o silêncio, que se tornava embaraçoso, sabe que nos magoa a todos a sua tristeza? Porque está tão triste?

— Não é minha a culpa, minha senhora. Dera muito a quem me ensinasse a fingir alegrias que não tenho.

— Respeito os seus pesares. Mas creia que me sinto magoada se os considero.

— E poderei saber porquê?

- Porque, vendo-o cercado de quanto é capaz de felicidade...
- Um pouco de luxo aparente serve às vezes para ocultar a miséria. Admira-se de que haja risos, que escondam lágrimas? Pois há.
- Punge-me essa desgraça que pressinto.
- Não me lastimo, Sr.^a D. Margarida.
- Nem eu o lastimo. Mas sofre, não é verdade? Eu não sou indiferente a sofrimentos alheios. Duvida?
- Decerto. Pois para que me dá veneno nessa mão formosa e branca como a inocência?
- Eu?!
- V. Ex.^a. Vejo-lhe o mel nos lábios e o travor do absinto, consinta-me que o diga, na voz angélica, no gesto, na formosura.
- Haverá lisonjas nas suas palavras, haverá, mas não sem muita ironia. Será tal a minha infelicidade, que até com a própria presença lhe agrave essa tristeza, essas dores?
- Faz mais que agravar.
- Mais ainda?...
- Se faz! Imagine V. Ex.^a um viajante sufocado pelo calor, morrendo enfraquecido à sede junto à margem duma torrente, que ele não pode tocar, e diga-me, se avalia a aflição do desgraçado, como hei de eu fitá-la, ouvir-lhe a linguagem celeste, sem que se me desfaça o coração em lágrimas, sem que compare o que sou com o que fui e com o que podia ser?
- Não o compreendi talvez. Mas, meu amigo, o viajante do seu enigma não seria tão desgraçado que perdesse todas as esperanças no lance difícil em que o coloca. E quando há esperança, ainda não é completa a...
- Esperança! Eu supunha-o perdido num deserto.
- Ainda assim podia valer-lhe a fé. A torrente poderia deixar o antigo leito para lhe dar fartura de água.
- Como?

— Por um milagre da Providência.

— V. Ex.^a crê na Providência? Por mim cansei tanto a vista a procurá-la, que uma vez acordei cego. Como hei de vê-la?...

— Cego! diz Margarida, aproveitando-se graciosamente do equívoco, cego com os seus olhos!...

— Antes os não tivesse: porque sem a ver, Margarida, não veria como o céu é longe da terra, o impossível entre nós ambos. Compreende-me agora?

Margarida, vermelha de surpreendida, não venceu a perturbação. Estava pálida e ansiada. Depois que recuperou alento, murmurou com aquele acento melodioso e trêmulo, expressão de verdade e inocência, só sabido da mulher apaixonada:

— Pois ainda não adivinhou? É preciso que os lábios digam tudo o que se sente?

Um sorriso amargo, doloroso, pungente, encrespou os lábios descorados do visconde. Margarida arquejava.

— De que servem, continua ela, de que servem certos enigmas, que inventa quando me fala, como se quisesse martirizar-me? Depende de mim a sua felicidade? Venha recebê-la, que é toda sua. Não imagine então distâncias, nem dificuldades, que eu tenho coragem para me mostrar ao clarão dessas luzes, em frente de quantos aí têm lábios para o sarcasmo, ainda que o rubor haja de me queimar as faces, para dizer — aqui me tem, pertença-lhe.

— Impossível.

— Impossível!

— O cego adivinha as maravilhas da natureza e adora-as, mas sem poder contemplá-las. Eu sou como o cego, Margarida; adoro-a, sem poder mais nada.

— Quer matar-me?

— Quero-lhe muito para a deixar numa vida de quimeras.

— Então que quimeras são?... Fale. Não vê que estou aflita?

— Resume-se tudo numa palavra, que teria a gravidade da situação, se não fosse consagrada pelo abuso ao desenlace de colisões romanescas. Essa palavra é...

— Diga-a.

— Mistério.

CAPÍTULO 3

Eu bem sei que um diálogo puramente dramático, semeado de interjeições e palavras grandes, mal se pode coadunar com a realidade da *comédia humana*. Não foi sem grande dor de alma que coloquei o sibilino visconde em frente de Margarida, exposto ao rir *palerma* dos que não sabem nada do coração e da sua linguagem, linguagem fantasiosa, que muitas vezes desdenha o presente para ir colorir-se nas eras aventurosas em que a castelã aparecia, visão aérea, por entre os tufos floridos, que lhe enfeitavam o balcão, para ouvir à luz das estrelas as canções plangentes do trovador enamorado; eras, as mais sublimemente poéticas, que têm vindo. Senão, que o digam as mil novelas que por aí tresvariam a mocidade. Não sei realmente a pena em que incorreram os protagonistas desta verídica história, como cada um chama às suas imaginações, por irem, entre os prazeres celestiais dum baile, alargar asas a conversações das que só se alimentam declamando. Não sei. Pode ser que fiquem para sempre afogados na alvar gargalhada pública, tão inconsciente de ordinário como injuriosa. Se isto suceder é sobre um fato sucedido que deve cair o anátema. Por mim sou simples narrador.

Tal calor e vivacidade desenvolvera o diálogo em Margarida e no visconde, que, esquecidos de quantos os cercavam, perderam de vista o mundo dos mortais. Já em excesso aguçavam a curiosidade geral. Não foi sem perturbação que Margarida o reconheceu. Mas, em lances destes, que inocente mulher não sabe um subterfúgio?

Foi com simulada alegria que ela estendeu a mão delicada a uma bela senhora, que se lhe avizinhara casualmente. Era a dona da casa.

— Suplico-lhe, minha senhora, exclama Margarida, vermelha como uma romã, suplico-lhe que me ajude a convencer este cavalheiro. Há muito que estou a teimar com ele para que nos recite alguma daquelas adoráveis poesias, que nós lhe conhecemos. Aos rogos de V. Ex.^a sei eu que não há de resistir.

— Oh minha senhora!... acode o visconde, surpreendido da lembrança providente de Margarida.

Quis valer-se de modesta esquivança, mas neste tempo eram várias as vozes que o instigavam a recitar. Curvou a cabeça vencido.

Formou-se repentino silêncio.

As damas e os elegantes tinham-se confundido em mostras de profundo interesse.

Todavia por detrás dum reposteiro, podia um observador atento divisar um rosto de mancebo, cujos olhos esgazeados pareciam a espaços fuzilar relâmpagos. Era D. João. Se isto, que para aqui escrevo, fosse um romance, havia de ele (D. João) apertar com a dextra febril o cabo de ouro dum luzente punhal. Porém não enodoemos a história. Mandemos o punhal para o velho teatro ou para a floresta erma.

Era vistoso o quadro. O jorrar luminoso dos candelabros, refletido nos espelhos; nos painéis heráldicos; nas cabeças toucadas de rosas já emurchecidas; na carnadura rosada dos seios desvelados, ofegantes de cansaço; o rosto nobre do visconde inundado de luz; os grupos; as posições; tudo isto apresentava um aspecto muito ao paladar do desejo.

E a voz do visconde ergueu-se do meio daquele silêncio, como voz de inspirado. Tinha nos olhos o sacro fulgor da sibila, e suas palavras eram devotamente escutadas como se fossem um oráculo.

Eco! Era o título da poesia. Partilhava do vigor da ode, do lirismo terno do idílio, e da funda tristeza da elegia; porém, com tal arte, tal harmonia, que não passava uma nota, que não fosse certa ao coração.

Todo o pensamento da poesia era tirado da metamorfose da desventurada ninfa.

Ela a ver e a sentir que as formas delicadas lhe vão ganhando pouco a pouco as curvas brancas dum rochedo informe; e a sentir ainda o coração inflamado a pular-lhe lá dentro no seio de granito, com todas as paixões e ardores do seu viver de anelos, fervente de luxúria; e o rochedo a engrossar, a engrossar... Eis o pensamento. Ouro mais fino, mais de lei, nunca o extraiu poeta dos veios explorados. Quando acabou a penúltima estrofe, que parecia arrastar-lhe de envolta parte da própria alma, não havia faces que não estivessem molhadas de lágrimas.

Aquela voz impregnada de melancolia terna, aqueles formosos versos — que o eram — coavam, em cada peito, comoções indefinidas, suavíssimos venenos.

Dir-se-ia que o visconde pranteava as próprias desgraças. Os versos traziam como que o selo da tremenda experiência.

Margarida estava pálida como as camélias, que lhe desmaiavam ao contato do seio virginal. Escutou até ao fim sem respirar. Depois desapareceu por entre os grupos assombrados, e, apenas longe do bulício, desatou em soluços, escondendo o rosto

nas mãos.

A minha miopia burguesa não lhe vê razão para tais extremos; mas, enfim, a verdade é lei duma só interpretação. Tenho aqui a crônica que é de reconhecida autenticidade.

Quando a donzela (como lhe chamaria qualquer cavalheiroso romancista) voltou ao salão, já lá não estava o visconde.

Consternada, não hesitou em interrogar uma sua amiga acerca de tão inesperada ausência. Se porém foi breve a pergunta, não lhe deveu nada a resposta, traduzida num riso cheio de malícia, e num gesto, que designava a saída para os jardins.

Vinha próximo o alvor da madrugada. Estavam já abertas as janelas.

Margarida vagueava no jardim de canteiro em canteiro, de gruta em gruta. Poderiam vê-la passar por entre o arvoredado e desaparecer na sombra como um lindo fantasma, mas o que ninguém decerto conseguiria era ouvir-lhe o suspirar comprimido. Estava na hora funesta, em que a mulher mais pura inveja o tálamo das Messalinas. Bem via o precipício através das flores, que o encobriam, mas adorava-o.

Na sombra, que uma das muitas árvores formava com os esgalhos espessos e descarnados, onde esvoaçavam algumas aves saudosas da alvorada, foi deparar com o pensativo visconde.

E, sentada sem receio ao lado dele no ermo daquele lugar, jurou consigo, crente no subido preço de suas seduções, que havia de ler na alma daquele homem os segredos, que ele com tanto rebuço ocultava.

— Eu também amo, diz ela, este crepúsculo vago, que precede a manhã. A imaginação arrouba-se mais viva, e vê em cada objeto uma forma agigantada e indefinida. E este indefinido não sei que alvoroços me desperta, com que suave aspiração me enleva o espírito... Diga: não sente isto mesmo?

— Bem conheço esse enlevo de que me fala, minha senhora.

— Nem podia deixar de ser. Alguma voz íntima me diz baixinho que toda a alma tem uma irmã, uma irmã gêmea no sentir, no pensar... Será certo?

— Que sei eu? Estou longe da abjeção do céptico, e, contudo, duvido.

— Na desgraça... crê.

— Essa vejo-a, apalpo-a em cada membro do meu corpo.

— Também duvida de mim?...

— V. Ex.^a! Pobre menina! Tem viçosas todas as ilusões. Encontra atrativos neste mundo, porque só o viu por uma face, pela única prazenteira face. Julga V. Ex.^a que se corteja aí a virtude, a grandeza da alma, a elevação do espírito? Engana-se. O embuste, a simples aparência é tudo; e a suprema desgraça da minha vida está nessas palavras. Tenho um coração ardente para o amor, e uma cabeça para o compreender; mas nem uma mulher, nem uma só, poderá encontrar em meus braços carinhos de esposo, porque são de barro quebradiço ou tão doce, que facilmente se enquadra em todos os moldes.

— Quando acabará essa linguagem de enigmas? Disse que tinha coração para o amor. É então certo que ama?

— Do fundo da alma.

— E haverá mulher tão forte, ou tão abatida, que possa resistir-lhe? Deixe-me duvidar.

— É porque V. Ex.^a não prevê que esta fidalguia, que me encontra talvez no aspecto, pode abrigar um flibusteiro indigno. Quero mesmo deixar-me cegar pela vaidade para crer que sou amado. Não podia abrigar-se debaixo deste traje o corpo corroído dum leproso? Não poderiam lavrar aí cancros, gangrena e peste? Suponha; e veja que noite a do noivado para uma menina, verdadeira sensitiva em flor...

Terminou com uma gargalhada alvar. Margarida teve medo.

Donde concluo, aqui entre parêntesis, que o sistema nervoso das senhoras é mais melindroso do que o do leitor, que, certamente, não vê motivos de susto. Possa a descoberta ser de proveito à ciência.

— Não julgue pela aparência, minha senhora, continuou o visconde com afabilidade.

— Oh! Pressinto, não duvide, pressinto que não sou uma mulher vulgar, diz Margarida com orgulho.

— Adivinhei-o. E como me consola ouvir-lho! Pois bem, consinta-me uma pergunta estranha, e mesmo original: se eu fosse um cadáver frio e inerte, animado por qualquer engenhoso mecanismo, embora me pulsasse no corpo morto um coração

com vida, poderia V. Ex.^a abraçar-me sem repugnância? Queria descansar a fronte no seio de um cadáver?

— Que extravagância! Pois olhe, Aveleda, à estranheza da pergunta vou eu dar uma resposta, que vale pelo menos outro tanto; e Deus sabe que não minto. Margarida animava-se prosseguindo: seja o leito nupcial no cemitério, que lá mesmo o aceito, lá mesmo o apeteço. Repare que não corei. Se me treme a voz é ao peso da verdade. Eu não exagero. Quem sabe o que é amor sabe que não exagero.

O rosto do visconde iluminou-se de irradiante alegria. Balbuciando, pôde exclaimar apenas:

— Margarida, minha Margarida!

E pousou os lábios reluzentes no seio seminu da donzela, que, sôfrega, pagou a ousadia com outro beijo, em que se lhe foi esmorecida parte da existência.

Depois, o feliz visconde embrenhou-se por entre as árvores com aquele caminhar medido do esqueleto das lendas populares.

Margarida ficou como que desfalecida; com o toucado desfeito, tranças desatadas e a cabeça pendente para as espáduas umedecidas pelo orvalho da manhã.

Di-la-iam sonho feiticeiro de imaginação oriental.

D. João ergue-se então em frente dela como obedecendo à evocação satânica dum mago!

CAPÍTULO 4

Eu lhe digo, leitor:

Acostado tragicamente ao resguardo dum tanque, que estava ali perto de Margarida, tinha surgido de repente um vulto de mancebo, como obedecendo à evocação satânica dum mago.

Digo “tinha” porque o caso passara-se no pino do Inverno, e, agora, já as amendoeiras começavam a tocar-se das flores da Primavera.

Pelo traço do mancebo, e pela postura pretensiosa e frívola, era fácil reconhecer D. João.

— Perdão, minha senhora, havia ele exclamado numa intonação fatal, perdão por ousar importuná-la. Não pude resistir à tentação de vir eu mesmo lavar o diploma da minha infâmia, declarando-lhe que assisti, escondido, a tudo o que aqui se passou; e só para me deliciar agora na sua vergonha. O seu amante, senhora D. Margarida...

— Sr. D. João!...

— Descanse. Sou muito generoso para sacudir injúrias sobre um rival ausente. Para eu ser discreto bastava-me a esperança de que ao menos V. Ex.^a transmitirá ao visconde de Aveleda esse mau pensamento em que ando. Diga-lhe, minha senhora, que me consomem desejos de experimentar se uma bala sabe abrir passagem através dum crânio.

Um terceiro em cena teria rido talvez da teatral farfalhada. Margarida emudeceu aterrada.

Os primeiros raios de sol, frouxamente purpureados, caíram neste momento na face do mancebo, voltada ao oriente. Aos olhos dela, toldados por tantas comoções juntas, pareceram laivos de sangue. Fugiu espavorida.

Como é pois que D. João vai encontrar acolhimento no festim do nosso visconde? E, de mais a mais, no esplêndido festim do noivado?

Aí está o que admira ao leitor sisudo, e a mim conjuntamente.

O caráter do visconde explica o fato. Conhecia a mocidade, que nasceu no fausto embalada por altas tradições de família para, ao despontar da adolescência, começar de correr aventuras por botequins e lupanares até cair adormecida de cansaço sobre páginas de perigosas novelas, e supunha-a para tão pouco que, indiferente à ameaça, recebeu D. João como dantes, com as maneiras simpáticas em que era pródigo.

Quem sabe se fez mal!

O certo é que o festim corria esplendoroso.

Margarida, como não estaria ela! Tinha em roda de si isso que se diz — a gema da melhor sociedade; as suas melhores amigas; seu velho e venturoso pai; e seus dois irmãos: um, que se havia lançado nos escabrosos caminhos da magistratura; outro, nas várzeas paludosas do peraltismo; e sobretudo tinha junto de si o esposo querido da sua alma.

Que mais longe podem ir as ambições mundanas?

Parece todavia mais desmaiada e pensativa. Doce cismar deve ser o dela. Cismar interpretado só — cuida eu — em véspera de bodas pelas felizes meninas a quem a sorte deparou um noivo de formas vigorosamente arredondadas, boca vermelha, dentes brancos e olhos sensuais.

Nós, os homens, somos ímpios em excesso para nos ser dado requestrar a imaginativa ao fogo sacrossanto, nutrido por aquelas castíssimas vestais.

Ora o que se notava ali era como que um perfume do oriente, rescendendo de todo aquele luxo, o menos europeu possível. Avultava também não sei que desalinho, que fazia recordar confusamente a efeminada Roma, a escrava luxuriosa dos imperadores. Petrônio nunca imaginara camilhas ou poltronas que mais provocassem paixões da carne; nem Voltaire serviu no Eldorado tão deliciosos acepipes. Baixela daquele preço, digo-o desafrontado, não circulou ainda em mesa de rei, nem mesmo talvez orgia de pontífice.

O gosto e a opulência de Lúculo perderam-se naquela imensidade de mitológicas ostentações.

Em duas grandes urnas de metal precioso ardiavam gomas aromáticas trazidas da Arábia, que tornavam embriagante a morna atmosfera.

Cada civilização viera depor o seu tributo.

Pelas inúmeras portas, abertas de par em par, que davam para os jardins, viam os alegres convivas alguma coisa de surpreendente.

Monstros colossais de bronze, colocados em pedestais de mármore, lançavam das largas fauces golfadas de água pura numa vasta represa, toldada de muitas aves aquáticas. E, por cima da coma viçosa das laranjeiras e das acácias florentes, divisava-se ao longe, no ocidente, mar imenso de labaredas, que, refletidas, tingiam ao de leve a superfície límpida das águas com a tibia cor do sol poente.

Chegara o festim ao ponto em que o amor do tom familiar, para o qual tendemos tanto nós, os portugueses, atropelando o código das etiquetas mais frívolas, tinha agrupado, e, por assim dizer, germanado as diferentes jerarquias que estavam ali representadas por homens e mulheres, entaladas em espartilhos, veludos, caxemiras, sedas e gazes.

— Porque será, perguntava uma senhora à sua vizinha, porque será que o visconde de Aveleda está hoje, num dia como o de hoje, mais taciturno ainda do que nos

outros dias? Queria que me dissessem.

— Já reparei, respondia a interrogada. O que eu desejava saber, sobretudo, é que originalidade é aquela de vir sentar-se à mesa com as mãos escondidas nas luvas.

— Diz-se que nunca fora visto sem luvas.

— É um homem bem extravagante.

— E bem simpático, não é?

— Sem dúvida. Ainda assim, havia de ter-lhe medo se acreditasse em nigromantes. Não sei que ar de encantamento se respira em sua casa!...

São distraídas por elegantes brindes aos noivos.

Também D. João se levantou com o copo de ouro na mão.

Calou-se tudo. Ninguém desconhecia o gênio estouvado do mancebo, nem o amor a Margarida e o ódio ao visconde, sentimentos que ele alardeava por toda a parte. Daí veio a surpresa geral, seguida do temor de alguma imprudência, acaso provocada pelos anos e pelo vinho. O barão, aquele barão que o leitor conheceu no baile, embalde se fatigou para o constranger a ficar quedo no seu lugar.

Era tarde. D. João exclama com voz ligeiramente trêmula:

— Chegou-me a vez de queimar também um grão de incenso no turíbulo santo da amizade. Considero-me feliz. E muito mais porque, esgotando o meu copo, esqueço a costumeira de fazer votos pela perpétua felicidade do ditoso par, que aqui festejamos, para ir mais longe; para lhe profetizar uma longa série de júbilos e alegrias, iguais às minhas alegrias de hoje. Saúdo-os com a resignação com que nos circos da ensanguentada Roma saudava César o cristão votado às feras.

Sentou-se, acolhido de frio silêncio. Só os desposados se inclinaram agradecendo, sem que a ironia lhes passasse despercebida.

— Aí estão palavras que me parecem de mau agouro, murmuravam algumas vozes, ao tempo que D. João, pousando sobre a mesa o copo vazio, dizia ao ouvido do barão:

— Encontrei-lhe o travor do absinto.

— Não se desvaneceu ainda esse fumo?... pergunta o barão.

— Adoro-a como nunca.

— Desgraçado.

— Há de falar-se de mim amanhã. O meu amor é como o dos tigres, que, às vezes, se têm fome, devoram...

O barão não conteve uma gargalhada com que interrompeu o amigo.

— Oh, Baco! entoa ele na força da hilaridade.

Meia hora mais tarde abriam-se as portas do salão. Ia começar o baile.

D. João, viram-no sair para o jardim, mas ninguém o viu voltar. Algum projeto meditava. Não queiramos porém devassar o que se passa no íntimo dos outros. Nada temos com isso, *em que pese*, conforme diria um bem-falante, aos Torquemadas modernos, que ainda os há em multiplicadas e furiosas catervas.

O baile não se descreve. Em tempos menos cultos seria tido na conta de milagre; e o visconde nem com água benta alcançaria esconjurar a sabida canonização.

À meia-noite estava o salão deserto. E Margarida, derramando lágrimas de pudica... de inefável doçura, abraçou seu velho pai e seus irmãos, que logo se retiraram aos aposentos, que lhes estavam destinados.

Ao transpor o limiar do seu encantado aposento, Margarida estremeceu, dando com os olhos tímidos nos brancos cortinados de fina seda com grandes bordaduras de ouro puríssimo, que velavam o misterioso tálamo. Através das janelas abertas viu a Lua no céu, infalível em tais casos, e viu também a folhagem compacta do laranjal, rescendente ao sopro ligeiro da embalsamada viração.

Coração de virgem, na primeira noite de amor, enlanguesce por força, preso de encantadoras vertigens, em presença destas seduções, aumentadas pela vaga harmonia das esferas, que até essa se percebe então, seja dito em prosa.

Mas onde está o esposo idolatrado, que não vem cair-lhe aos pés?

Caso estranho! O visconde, no fundo da câmara, inclinado no recosto duma poltrona, permanece imóvel a curta distância dum enorme fogão de estrutura particular, firmado num plano um pouco inferior ao pavimento. O fogão contém um brasido imenso, que lhe esparge no rosto sinistro um clarão avermelhado. Quem o visse a essa hora e em tal posição julgaria ver ressuscitado algum dos alquimistas da Idade Média, para continuar sonhando na transmutação dos metais,

ou no *elixir da vida*.

Margarida adianta-se com timidez.

— Henrique? murmura ela.

O visconde fica imóvel.

— Henrique, meu Henrique? continua. Porque me não respondes?

— Estava a pensar, Margarida.

— Pode saber-se em quê, sr. pensador? torna ela um tanto ferida no seu orgulho de mulher formosa.

— Conheces a história de Hero e Leandro?

— Li-a em pequena. Bem me lembro. Mas, que pergunta!...

— É que eu estava a encontrar paridade entre aquela história infeliz e a nossa história, Margarida.

— Seriamente? Onde está então a tempestade que nos há de destruir num instante todas as nossas venturas?... Oh, Henrique!...

— A diferença está em termos entre nós uma sepultura aberta em vez dum simples *estreito*. Feliz eu, se tivesse só a lutar com as tempestades do Helesponto! Pobre inocente, que as não vês mais coléricas a estalarem-nos sobre a cabeça.

— Jesus! Assustas-me. Que coisa no mundo pode opor-se ao nosso amor, pode vir separar-nos?

— Olha, diz o visconde designando sobre um bufete uma garrafa de cristal, cheia de ácido prússico, uma só colher daquele veneno mata em menos de três minutos.

CAPÍTULO 5

Os vinhos extraídos das uvas sazoadas nos luxuriosos vinhedos de Quios e das margens pitorescas do Reno, a par dos deliciosos vinhos do Porto, Xerez e Madeira, deslizando nos copos; as pedrarias serpejando nos seios alabastrinos das mulheres; as nuvens olorosas derramadas pelos recortados tetos; as sedes de amor inflamadas por olhos umedecidos ao volitar pecaminosos e túrbidos desejos; a alegria da formosa donzela, que, trêmula de ansiedade, espera o momento em que

possa revolver-se delirante nos braços do homem que soube vencê-la; toda essa harmônica variedade, que poderia realizar as celestiais aspirações dum bom maometano, ateou no espírito conturbado de D. João quanto de extravagante pode conter um pesadelo em noites de febre.

Correndo de taça em taça em borbotões de espuma, feria-lhe o vinho espumante a vista incerta, como se fora espadanar de sangue.

E bebia, bebia sôfrego, incansável. Mas quanto mais bebia, mais crescia a sede.

Margarida! era o nome que de contínuo lhe perpassava na mente enferma, era o nome que lhe contraía os lábios e que a garganta enrouquecida não ousava desprender.

Negros e repetidos pensamentos nasciam, atropelavam-se, lutavam no interior daquele crânio, por debaixo dos compridos cabelos loiros, que, frouxos, lhe pendiam sobre os ombros como abundantes flocos de seda.

Foi nesse tempestuoso delírio que ele deixou a mesa do banquete para, cambaleante, ir mitigar a febre nas flácidas moitas dos jardins.

la receoso da multidão. Cuidava que todos os olhos lhe soletravam nos dele os lúgubres pensamentos de sua alma. Queria ver-se só, que lhe não envenenassem víboras mundanas as lágrimas represadas.

Era um excelente rapaz este D. João. Generoso e amante não o havia mais. Tisnara-lhe porém o hálito quente da sociedade as mais belas flores de sua leal natureza.

E não se tome isto como fastidioso monólogo de maçudo moralizador. A sociedade, sim, senhores, foi a sociedade que estiolou com suas evaporações cálidas a delicada eflorescência daquela bela alma. Viu-o rico, galhardo, franco e perdulário, e abriu-lhe os seios fétidos, e prostitui-se às paixões do moço milionário.

O dinheiro escorregava-lhe por entre os dedos sobre as mesas alcoolizadas dos cafés, sobre o leito enxovalhado das perdas, sobre o empoeirado labirinto do distúrbio; e os folhetinistas galantes, os fúteis da moda, alguns homens de estudo mesmo, aplaudiam cúpidos, lisonjeando-lhe os vícios.

O prostíbulo, voragem que a lei sanciona, foi a arena borrifada com o vinho de suas primeiras proezas. Cansado enfim de se estorcer na crápula, no úmido chão do lupanar, volveu os despertados apetites para a recatada burguesia.

Se lhe resistia a inocência, a palavra dinheiro, pronunciada com voz anelante por

lábios torpes, abandonava o pudor aos soltos caprichos do mancebo. E muitas foram as envergonhadas pequenas, que lhe venderam a virgindade em beijos frios, em dilúvios de sentidas lágrimas.

No entanto D. João aumentava em audácia. Os falados triunfos sopravam-lhe o demônio da vaidade. Era à elegância de seu porte, segundo ele, era à doçura de suas falas, e não ao ouro derramado, que devia as brilhantes conquistas. Assim parecia às vezes, com efeito, porque, entre a fina Holanda e preciosa tela de brandos e custosos leitos, de frequência o esperavam também beijos aristocráticos, corpos em que a provocadora nudez ostentava à luz da esmaltada lâmpada, azuladas veias intumescidas de generoso sangue de gótica raça.

Não era por certo, ele o dizia, não era o dinheiro, que lhe abria os portões dos opulentos palácios. Tudo devia à graça de seus requebros, à louçania de seus donaires.

Enganava-se. Mentia-lhe o amor-próprio.

Nas classes superiores, como em todas as classes, é um e o mesmo o alvo a que se faz calculada pontaria; é uma ideia culminante. O homem, que se refastela em encarquilhados títulos de fidalgo e capitalista, também não tem dúvida em dizer à consorte, nas expressões da sua conveniência, como o homem do povo na aberta linguagem das privações, não tem dúvida em dizer-lhe, deitando olhar oblíquo sobre a descuidada filha: D. João é moço de subido merecimento. A par de colossal riqueza, tem um dos mais fidalgos brasões. Bom casamento, na verdade, bom casamento para uma menina honesta!...

E em seguida apresenta o moço às senhoras. A menina cora. D. João deseja. O pai indigita-lhe, matreiro, o casamento da filha, e sai em cata do primo marquês com o cheiro numa saborosa partida de xadrez.

Mal acostumado, como estava, supunha o mancebo utopia a pudica resistência numa mulher; supunha-a flexível a seus carinhos como a junça ondulante ao sopro morno dos ventos. Margarida, porém, incumbiu-se de vingar o afrontado sexo. Com o desdém assanhara a vaidade do mancebo, e infiltrara-lhe no peito, vazio de crenças, o mais perigoso dos sentimentos — o amor capricho, que, à maneira da ebulição, põe em alvoroço as fezes adormecidas no fundo esterquilínio das humanas paixões. A inveja, o ódio, o desespero, a insânia, a vanglória, precipitam-se em redemoinho como satélites daquele nefando e frívolo amor. Daí à loucura é escorregadia a estrada.

D. João, depois de absorvidas torrentes de vinho, recordava como um sonho

baralhado, para ele, lacerante tripúdio no fabuloso banquete.

Repousara a cabeça num feixe de trepadeiras que se atiravam em festões vigorosos aos enfeitados ramos duma olaia, e deixara pender o corpo sobre a areia fina tapizada de esfolhadas pétalas. Os olhos entreabertos demorava-os, absorto, no clarão irradiado dos salões iluminados. E as sombras volteantes, que se desenhavam ao longe, em ondas de gaze, no cristal dos espelhos, dali percebidos no fim das salas, julgava-as etéreas e silfídicas visões. As ondas sonoras das afastadas músicas reboavam-lhe no tímpano como lamentáveis e prolongados suspiros. Por outro lado embalavam-no os trinos do rouxinol, flutuantes no cerrado laranjal. Mas tudo isto não fazia senão avivar a dor daquela pobre alma em penas.

Ter vinte anos sem conhecer apetite irrealizável; ser orgulhoso e volúvel, e ver-se condenado ao suplício de Tântalo; sentir a alma manchada no viver de alvoroçados desvarios, exaltada de repente num sentimento puro; amar então, e ser repellido; e amar com mais força ainda, de raiva, de vergonha, por capricho; e querer afogar esse amor, agora impossível, querer afogá-lo em vinho, é compreender a angústia por que passava D. João.

Margarida era venturosa, quanto o pode ser uma formosa filha de Eva. Bem o sentira ele, que a contemplara com a voluptuosidade da pantera, que espreita a apetitosa rês; ele que lhe medira os movimentos, a intensa morbidez dos olhos, a intumescência dos seios brancos, o descorar dos lábios.

Quisera, mas não podia duvidar: o visconde de Aveleda era amado com todo o faminto impulso dum peito virgem, enquanto ele, o herdeiro infamado dum celebrado nome, ali tão perto, contava na efervescência da imaginação, na febre de seu delírio, o pressuroso arfar dos corações amantes sem poder quebrar os laços, que os uniam para sempre!

E que os quebrasse? Não lhe coubera, em partilha, o desprezo?

D. João chorava, chorava de humilhado. Na falta de cômodas barbas, arreperava os cabelos como um tirano de dramalhão, medindo a superioridade que lhe levava o visconde.

Faltava-lhe a tristeza do rosto, a dignidade do gesto, a suave melancolia da palavra, e, sobretudo, aquela misteriosa sombra, em que se envolvia o visconde, que é para o sexo curioso uma tentação irresistível.

Que era ele, D. João? Um moço afeminado, doido, leviano, de lábios frescos e olhos bonitos, amante de vinhos e de mulheres, aventureiro, sonhador; era o que são

muitos rapazes, o que todos podem ser.

Que rumo era o seu? qual o seu destino? Abismou os olhos pelas trevas do futuro e julgou ver, como num espelho nigromântico, as horas, os dias, anos, lustros, caindo plácidos uns sobre os outros, monótonos, sempre os mesmos. Encontrou-se no fim, quando menos o cuidava, no despertar de imundas sensualidades, encanecido, velho. Fitava triste o passado e admirava-se de ter vivido. Era um triste sonhar aquele. Não via uma pegada na areia móvel do caminho, que marcasse sua passagem. E perguntava, supondo-se com efeito desperto na decrepitude, perguntava — para que vivi?

Pensava no suicídio.

— Se a minha vida futura há de assemelhar-se à que leve passada, suspirava o moço, vivi de mais. Experimentei o gozo, compulsei as amarguras. Estou saciado. Aspirações de glória, aspirações generosas, em que ouço falar tanto, não me prendem ao mundo, nada me prende, morrerei.

Mas um sopro da esperança vinha então, ao de leve, refrescar-lhe o espírito, e aspirações nunca sentidas douravam-lhe por instantes a requeitada imaginativa.

É que o iludiam passageiras crenças, que, se fossem duradouras, operariam um milagre de reabilitação. O que pode a mulher!

Assaltava-o esse borbulhar de ideias, enquanto se contorcia, numa agonia mortal, no frio leito, que o acolhera. Era tarde e bem tarde quando se ergueu vacilante. Tinha sede. Gemiam em torno multiplicadas fontes. A represa parecia uma grande lâmina de estanho caída no regaço de pampanosas verduras. Descia a lua perpendicular sobre as águas. Aquela formosíssima solidão tinha contudo não sei que pálida frieza de cemitério; coava nas veias alguma coisa de pavoroso. Sentia-o D. João quando, curvando-se, bebia.

Mas porque estremece como tomado de súbito terror? O desgraçado era vítima de algum pesadelo infernal. Do fundo do líquido cristal notou que se destacavam imagens monstruosas e horrendas, que não despregavam dele os olhos imóveis, inertes, brilhantes como de reluzente metal, e quase ao mesmo tempo vibrou-lhe aos ouvidos argentina gargalhada. Quis fugir, mas prendia-o como que um poderoso magnete.

Breve, porém, reconheceu envergonhado a fraqueza supersticiosa, que o dominara. As imagens não eram mais que estátuas do jardim, que se retratavam na face límpida das águas.

Quando em nosso espírito acalentamos porventura um negro pensamento, negros e feios vemos os objetos, que nos circundam. Um espírito cândido em tudo descobre rosas e perfumes; fantasmas e perseguições o que se rojou nos cuidados do crime.

A verdade dessas palavras sopeou-a D. João.

Mas a gargalhada, aquela gargalhada que lhe soara aos ouvidos como solta do ciciar das brisas, ou dos lábios de cetim de alguma fada invisível, donde viria ela?

Talvez das salas do baile. Para lá voltou o moço a escandecida fronte.

Quebrara-se o encanto.

Como um tempo em que, depois da festa e das harmonias místicas do órgão e dos súplices cânticos, se estende pelas naves imensas melancólico e funéreo silêncio, assim nos dourados salões, há pouco banhados de luz, agora, fechadas as escuras janelas, descera sepulcral silêncio.

D. João despediu um guincho de espanto como o do cerdo ao sentir-se nas garras do lobo, e pulou desnortado, pelo teor e forma por que Dinis, no Hissope, faz pular, em certo picaresco transe, o deão de Elvas, clamando — vingança!

É que tinha seriamente meditado uma história de sangue. Medira o esforço de sua alma e sentira que lhe quedava bem o nome de assassino. Qual será a vítima escolhida para o cruento holocausto.

Chegara o terrível momento.

Coroadas de brancas flores, semelhando adormecidas pombas, erguia os valentes ramos para uma janela do palácio uma odorosa magnólia. A seu tronco estava arrimado um homem com olhos chamejantes, mergulhados, através dessa janela ainda aberta, na escuridão interior. Era D. João.

Estava ali como um fragmento de granito, firme, sem respirar, mas febril e ardente.

Soara a hora fatal em que, não longe dele, iam unir-se, consubstanciar-se num corpo só, dois seres, que o infeliz quisera ver separados pela incomensurável distância dum túmulo; dois venturosos, que entre suspiros, carícias, contorções e beijos, iam, nus de trajos e de mágoas, celebrar celestiais mistérios do noivado...

Pobre D. João! Que assanhada lepra te lavrava o peito!

De repente jorraram lá dentro raios de luz brilhante, e sussurraram passos

indistintos.

O mancebo apertou a desvairada cabeça nas mãos trêmulas. Pulava-lhe o coração na ânsia febril.

Recalcada um tanto a desesperação endireitou-se ameaçador. Lampejara-lhe na mente uma ideia atroz. As janelas, que agora resplandeciam abertas, podiam ser trancadas em pouco tempo, e então a esperada vingança teria de se represar ainda uma noite nas lavas do seu crânio. Mas não. Era impossível. Numa noite perfumada como aquela, em que a natureza se desprende em harmonias, em que as auras sussurram, beijando as folhas dos arvoredos, em que as fontes suspiram e as aves cantam; numa noite de amores, noite como aquela, é estreito o recinto duma câmara para duas almas, que, fundidas, vão erguer sensuais oblatas aos pés da amorosa deusa. Não, as janelas permaneceriam abertas.

Assim pensava o mancebo, quando a leve sombra duma mulher se esboçou transparente no mármore de um muro fronteiro. Era certamente a ingrata, que afanosa corria aos ferventes beijos do cobiçado esposo.

— E eu, desgraçado, murmurou D. João, só, sem luz, sem esperanças, só, cercado de trevas e de abismos...

Deslizou-lhe a aflição num riso. Recalcou novamente a dor, e, com mão segura, apegou-se ao tronco da magnólia, atrependo por ela com movimento arrastado e ligeiro, como de serpente. Apertou contra o peito o cano de suas pistolas, sacudiu os orvalhados cabelos, e sumiu-se na folhagem.

Então mil aves, acordadas na verde guarida, esvoaçaram assustadas, e fugiram soltando pios, até se perder no desmaiado luar.

CAPÍTULO 6

Agora, que a minha autoridade de verdadeiro contra-regra de teatrinho aldeão chamou convenientemente a postos os esquisitos personagens, que hão de figurar no presente capítulo, voltemos ao ponto em que deixei os suspirosos noivos na crítica posição de todos os noivos.

Avalia-se, não se descreve, o alvoroço de Margarida em face de baralhadas suspeitas, mais e mais condensadas pelas fatais palavras do visconde.

Que horrível linguagem era aquela, com que a acolhia o esposo, no momento em

que toda se absorvia na morbidez de um requintado afeto?

Se acordasse dum sonhado paraíso, entre as ensanguentadas mãos de enraivecido carrasco, que a arrastasse sem dó pelos ignominiosos degraus de um patíbulo, por certo não sentira a donzela mais pavorosa surpresa.

Para quê negros pensamentos, pensamentos de morte, quando ela, esquecida, como nunca, da fragilidade da matéria, se arroubava ditosa no antegosto de incógnitos prazeres?

Voavam-lhe nos alquebrados membros repetidos calafrios de susto. Como magnetizada prendera atônitos os olhos no visconde, e, então, naquela frieza de estátua, embalde procurava o atrativo, que a tinha cativado.

Não sei o que lhe viu nas mudadas feições. É certo porém que, apavorada, longe de se avizinhar, como ainda há pouco, se afastou oprimida de supersticiosos terrores.

— Foges-me, Margarida! diz ele com dolorido acento. Amarguras-te de me ver a teu lado! Devia ser assim. Como eu te quero, não o sabes tu. Não sabes como o moribundo ama o último dia da existência que lhe foge.

— Ama-me! Não me dizem o contrário tuas palavras, teu hálito gelado, a gelada atmosfera que te circunda? Eu mesma sinto-me repassada de frio, e de...

— E de medo.

— E de medo, sim; e de medo, que não sei explicar.

— Quebrou-se bem depressa o encantado prisma, que me mostrava a teus olhos sem os traços carregados, que a desgraça sulca na fronte de seus escolhidos. E todavia ainda não se rasgou o espesso véu, que me salva do escárnio, do teu escárnio.

— Henrique, Henrique! Sinto que se dá entre nós alguma coisa de muito extraordinário. Perde-se-me a cabeça em mil estranhas conjecturas. Encontro-te na imobilidade do cadáver. Diz-me quem és, quem tu és, Henrique, que eu não sei conhecer-te...

— Nem queiras. Basta saber que sou uma pobre alma, em busca dum corpo, que me abrigue; um coração ardente num peito gelado como a pedra duma vala funérea. Vi-te, débil criatura, através das lágrimas que me empanavam a vista; e, tal qual sou, cuidei que minhas cruciantes penas poderiam encontrar refrigério nas tuas consolações. Aparecias-me com a auréola divinal da mulher superior em volta

da tua bela cabeça. Não era muito que te supusesse capaz de lavar, sem repugnância, com os bálsamos do amor, minhas leprosas e sangrentas chagas. É que aos grandes desgraçados nunca deixou de sorrir, na insônia de suas noites, uma imagem de mulher. Ahasverus lá encontra a redenção de seu triste fadário na cândida Raquel. Eu entrevia-a em ti. Julgaste-me tu pelo que parecia, e não decerto pelo que eu era. Venceu-te a aparência, que mais duma vez nivela o vício com a virtude. Amaste-me. Ai que longa série de gozos me veio do teu amor, Margarida! Quis declarar-te tudo. Não pude. Tive medo que se desvanecesse num sopro a minha angélica visão. E só agora reconheço que te sacrifiquei, que te arrastei talvez na minha queda, infeliz!

— Na tua queda!!

— Mas não. Conservo a última esperança. Se a perder, já te mostrei o veneno que escolhi. Deixar-te-ei viúva e virgem, e rica, muito rica. Das multidões, que, famintas, se hão de atropelar à entrada do teu palácio, podes eleger um esposo que te mereça, que te dê na terra venturas do céu. Não chores, anjo...

— E eu tão inocente, tão descuidada!... Só sabia das minhas queridas ilusões. Como poderia suspeitar que o homem, que me escravizava!... E que fosses, no teu passado, um grande criminoso, Henrique?! As lágrimas, que te regam as faces, não significariam arrependimento e absolvição? Bem sinto que te comoves...

A boca do visconde escancarou-se, como a desmenti-la, numa satânica gargalhada. Margarida tremeu até à mais recôndita fibra.

Neste tempo ouviu-se lá fora um estalido, que tanto poderia provir dum ramo seco quebrado violentamente, como duma pistola armada por oculta mão.

A assustada menina correu à janela. A Lua permanecia serena, prateada, no recurvado firmamento. As aves esmoreciam em trinados nas franças das olorosas selvas. Só se havia erguido certa desinquieta aragem, que balouçava os arvoredos de tal sorte, que a coma lustrosa da magnólia quase roçava na janela.

— Diria que ouvi... murmurou ela. E interrompeu-a nova contração de terror.

Uma lufada de vento acabava de entrar na câmara, e a lâmpada de alabastro, suspensa de rico velador, crepitando, quase a apagar-se, difundiu fantástico clarão pelo rosto do visconde, que se destacava inerte num fundo avermelhado pela chama sacudida do gigantesco fogão.

— Criminoso, disseste tu, Margarida, exclama o visconde de Aveleda, pesando a palavra que ela proferira. Enganaste-te. Fui sempre honesto e virtuoso. Não, não

estou manchado de crimes. Antes estivesse, que traria, quando muito, o meu castigo no fundo impenetrável da consciência. Mas viveria, pois, através do ouro; crimes não os vê a sociedade, e, se os vê, respeita-os.

— Que labirinto!

— Horrroso! Proseguiu em tom de expansiva ternura. Vou ser franco, é tempo. Vem, Margarida, minha esposa, vem para ao pé de mim. Reveste-te de toda a tua coragem e escuta.

— Fala, fala!

— Lembras-te duma promessa, que me fizeste, transbordando afetos, como agora tremendo de receio, promessa que eu aceitei?

— Se fiz tantas promessas!...

— Muitas, por certo. Filhas de leviana exaltação. Pois bem, entre essas todas, prometeste seguir-me ao cemitério, se lá fosse minha morada...

— Virgem Santa!

— Esqueces? continua com voz cavernosa. Mentiste?... Lábios de anjo não mentem. É teu esposo que te estende os braços...

— Mas quem és, quem serás tu?

— Vem perguntá-lo ao contato do meu corpo inanimado e frio, como o de um defunto. Receias?

— Oh Henrique!

— Vem.

— Desfaleço. Não posso mais. Tenho medo. Se ao menos fosse isto um sonho!

— Adivinhaste. Isto é um sonho. Podes voltar para casa de teu pai. Eu não sou um homem.

— Pois que és, desgraçado?

— Uma estátua.

Por absurda, que parecesse a resposta, acompanhara-a tão firme acentuação de verdade, que só de si fora bastante a enrodilhar três sábios e um compêndio de

lógica, e sobretudo o mais incrédulo e chegado parente de S. Tomé.

Não é pois de estranhar a credulidade de Margarida, que, logo em continente, sem acordar da mal-ajeitada surpresa, viu que as luvas do visconde, pela primeira vez arrancadas, lhe deixavam as mãos a descoberto. O mesmo foi que vergar-lhe sobre os joelhos o corpo alquebrado, e sufocar um grito na garganta. As mãos descarnadas, que a estreitavam, eram feitas de marfim.

— Desmaias? exclama ele na força do desespero. Que é da coragem que me prometias? São todas assim as mulheres. Amante, seguias-me ao cemitério; esposa, horrorizas-te de meus afagos, porque me não encontras calor nos membros, porque sou uma estátua. E a cabeça, que harmonizou estrofes que te embriagaram, é esta mesma, que agora repeles. E os lábios, que avivaram nos teus ânsias de beijos com segredos, que tu decoravas, para os repetir sonhando, para acordar repetindo-os, são os meus. Eu sou ainda o mesmo, que era, se me derem a perdida esperança do teu amor. Que te falta, mulher? Aqui me tens.

Fez um movimento. Ressoaram estalos como de molas. Horror! Sobre a poltrona caiu um corpo mutilado, disforme, monstruoso. Pernas, braços, os próprios dentes do visconde, brancos como formosos fios de pérolas, tombaram sobre os felpudos tapetes da Turquia, e perderam-se nas dobras de seu *robe de chambre*, que naturalmente se lhe desprendeu dos ombros.

O infeliz era um fenômeno, um aborto estupendo, que em nossos dias valeria muito dinheiro a quem quisesse especular. Era ele poeta de mais para isso.

A tudo porém dera remédio a civilização de seu tempo. Afortunados tempos!

Margarida sentiu-se como petrificada. Mas, de repente, fulgurou-lhe a loucura nos olhos. Comprimiu com violência o coração, e, veloz como o pensamento, desapareceu por uma janela, desprendendo um grito agudo, dolorido, que se perdeu à distância, ao tempo que, por outra janela, se precipitava no aposento um homem com uma pistola em cada mão. Era D. João.

Por seu lado o visconde sopesara a queda de suas sonhadas aspirações. Borbulharam-lhe duas lágrimas dos olhos embaciados, que, desvairado, dirigira para o bufete em que tinha depositado o veneno, última esperança. Impotente porém para o aproximar dos lábios, não hesitou. Numa contorção de agonia extrema atirou-se ao pavimento e rolou sobre as brasas vivas do fogão. Cingiu-o bem depressa uma azulada, tênue, mas crescente labareda, e nem um gemido soltou.

É bem certo que as dores da alma nem deixam perceber as da matéria. Tanto as excedem. Ouço-o dizer aos piegas, que namoram, folgam, comem e engordam.

Nas complicadas cenas, à laia desta, habituaram-se os romancistas ao emprego das sacramentais palavras: tudo foi obra dum segundo.

Eu digo desta vez como eles, mas sem mentir; o que é para ser notado, porque quando D. João, furioso, buscava alguém, que lhe absorvesse as iras, divisou entre ondas de fumo uma informe massa em medonhas contrações. Parou ali. Mas recuou logo repassado de horror.

Volvera-se para ele um rosto coroadado de labaredas. E cravaram-se nos seus uns olhos que, rebentados pela viveza ardente das chamas, se revolviam ainda nas ensanguentadas órbitas.

CAPÍTULO 7

“Pois essas divertidas e caprichosas cenas, tão exóticas como pueris, que, enrodilhadas e com feia catadura, têm devorado páginas e páginas em frases de todos os tamanhos, terão alguma coisa de comum com a suave e desafetada narração dum prometido conto não só verdadeiro, mas até elegante!? Um conto! Chama-se a isto um conto! Dos que se dizem nos serões de Inverno com pasmo das imaginações rudes ou infantis, poderá ser. Mas conto para gente fina e séria, para gente que sabe de cor Edgar Poe e Hoffman! Oh, oh!

Sobretudo imperdoável é o desaire com que o demônio do escrevinhador deixa transluzir das combinações do seu espantoso imbróglio o presunçoso intento de fazer um romance, que lhe dê azo a fingir-se modesto, chamando conto ao que, no juízo dele, vale bem um romance. Ora, meu senhor, se queria rabiscar coisa como romance, sofresse um tanto os ímpetos com que os seus esfalfados heróis se precipitam no *epílogo*; demorasse as situações com peripécias, episódios e tudo o que lhe lembrasse, capaz de aumentar o interesse e aperfeiçoar o trabalho artístico da obra. Não basta encadear dois dissaboridos diálogos e alguns ditinhos simplórios e afetados. Diálogos! Nada mais fácil. Duas pessoas que falam, uma depois da outra, com intermédio de pausas e reticências... Se queria fazer-se notado saísse a campo com seis, oito, vinte palradores, prendesse-os a uma geral conversação em que falassem todos, alternados e simultaneamente, em grita e com moderação. Então, sim. Aí encontraria oportunidade de desvendar a sua mestria nas dificuldades da arte. Mestria essa que ninguém ousaria contestar uma vez que alcançasse meios de se esquivar a mostrar-nos, pela extravagância da algaravia, de que fabuloso modo

se digerem bojudas vasilhas de álcool.

Nesse caso não nos opúnhamos a que levantasse uma estátua de barro em paga da sua *Estátua viva*. Apenas se atreveu, porém, com a parte mais plebeia e chilra deste gênero de literatura — o diálogo, coisa que hoje nem os dois mais triviais interlocutores quereriam alimentar; embora iluda um tanto a paradoxal aparência da proposição. Quanto ao visconde de Aveleda é ele, diga-se a verdade, a mais simpática criação, que pode deduzir-se de inexperto cinzel.

Porém, que destino! A astúcia depravada do autor faz com que o vejamos na parte luminosa do quadro; que nos ganhe, não direi simpatia, mas um pouco de benevolência...

Depois acende um fogão monstro e de *particular estrutura* que estava preparado de encomenda para receber um homem inteiro, e lança-o, com bastante pena nossa, ao meio das chamas, e assa-o, não sei bem se com a tenção de o comer. Palpita-me que o vai comer. Isto não se faz em país civilizado e liberal! Enfim, seja como for, já gastamos mais cera do que é de lei com ruins defuntos. Oxalá que, aproveitando-lhe a lição, venha a convencer-se de que não sobra quem se empenhe nos progressos práticos da agricultura, e deixe de andar tresmalhado nestes difíceis caminhos, que nunca pés mazorros lograram percorrer sem sangue.”

São assim, pouco mais ou menos, as sibilantes expressões da maledicência, que eu desprezo, sem que, todavia, deixe de vir a indignação das grandes almas ofendidas inflamar-me as nacaradas bochechas.

Crítica cordata e justa escutei-a sempre respeitoso. Insolências, à laia das supraditas, não são lanças que façam saltar da sela cavaleiros do meu jaez, nem hão de ser em tempo algum admoestações, que corrijam defeitos. A minha generosa indignação não me deixa responder, como pedia o caso, se bem me está borbulhando a ideia de confundir os lingüareiros por meio duma digressão ideológica, em que podia patentear os tesouros, que tenho amontoados no meu celeiro. Não quero fazer escândalo. É o que lhes vale. Em desforra, apenas prometo esmerar-me a fim de ser mais natural e correto no seguimento do conto, que prossegue do seguinte modo:

Quando o Sr. Urbano Solar, beatífico pai de Margarida, descerrava as preguiçosas pálpebras ainda saudosas dos afagos do confortativo sono, marcava o ponteiro dum relógio, que pendia graciosamente da parede, dez horas e alguns minutos. O santo varão não acordaria tão cedo, se o estômago com irregulares rugidos não acusasse certo vazio que o horrorizava. O Sr. Solar tinha horror ao vácuo; e tanto que, na deliciosa perspectiva de um substancial almoço, que lhe deslizava na

mente fecunda e liberal, endireitou azafamado o colarinho, enlaçou a gravata, deu a última demão aos ingratos cabelos, e foi incorporar-se a seus filhos, que, já preparados, conversavam, aproveitando os raios vivificantes do sol matutino.

O dia estava duma formosura a derramar alegrias nos espíritos mais atribulados. Parecia concertada a natureza para acompanhar os doces enleios, que deviam ser então a alma animadora da ampla majestade daquela habitação. O próprio Sr. Urbano sentia-se enfeitiçado.

— O visconde? pergunta ele, admirado de que o não acompanhassem em continente para a anelada mesa do almoço. Ainda não vistes a nossa Margarida?...

A resposta resolveu-se em dois sorrisos frouxos, maliciosos, equívocos. Solar compreendeu-os, quis revestir-se de gravidade, mas, em conclusão, não teve remédio senão imitá-los.

Para os inocentes, como eu, esses sorrisos não seriam mesmo obscuros. Tenho fé, porém, que não faltariam honrados pais de família que, no dia seguinte ao do noivado de suas filhas, perspicazes como Urbano Solar, soubessem dar explicações. Deus me defenda de sabê-las dar alguma vez por minha parte.

Travaram os três insignificante conversa, que ameaçava prolongar-se com sério detrimento do aparelho digestivo do Sr. Solar. Mas como nem o visconde de Aveleda, nem Margarida pareciam ainda dispostos, segundo suspeitas dum criado interrogado, a vir livrá-lo desse suplício, tirou-se de seus cuidados, e, resolvido a não esperar por ninguém, saiu na tenção de farejar por si mesmo certos conhecidos escaninhos de gordurenta memória.

Ao roçar na porta da câmara nupcial não pôde vencer a curiosidade, e apurou o ouvido.

Nem o mais leve sussurro. De dentro vinha uma réstia da luz pura do sol, que mosqueava o pavimento, denunciando assim que eram já abertas as janelas do interior, e que, portanto, os felizes habitantes daquele estreito paraíso não continuavam esquecidos em amorosos delíquios, e além disso, que estava mal cerrada a porta, que, por esse motivo, dava passagem à réstia do sol. Aventurou-se a empurrá-la suavemente; e sem resistência nem rumor rodou ela sobre os flexíveis gonzos, e pôs a descoberto a parte interna da câmara, inteiramente solitária.

Entrou o bom homem despejando da garganta exclamações de pasmo, lançou a vista em roda e dilatou as cartilagens do nariz, tocado dum especial odor daquela

atmosfera, que era um desespero para o ambicioso e esfaimado estômago de S. Ex.^ª.

Afiava-lhe o apetite aquele odor. É fácil de ver portanto que não podia satisfazê-lo o simples conhecimento do efeito. Ao seu estado convinha, mais que tudo, palpar a causa. Breve a descobriu ele no fogão, onde entre algumas amortecidas brasas, cercada de cinza e de carvões, avultava uma massa compacta de carne, a este tempo quase carbonizada. Revolveu-a de todos os lados, naturalmente admirado da estranheza, e no fim da investigação concluiu que não era fácil determinar a casta de animal, a que pertencia aquele torresmo, mas que, feitas as contas, tinha na parte superior um provocante pedaço de loirejada polpa.

Solar era um homem de muito siso para não saber explicar a esquisitice do fato com a esquisitice do gênio do visconde de Aveleda. Foi de semblante prazenteiro que seus filhos o viram voltar, convidando-os a acompanhá-lo.

— O visconde, diz ele com afetado mistério, parecia que de propósito se recusava a aparecer para nos obrigar a esperá-lo para o almoço. Mas eu que sou velho e matreiro achei meios de me vingar.

Fui procurá-lo ao próprio quarto.

— E assanhou-lhe o masculino pudor, diz sorrindo o peralta. Está visto.

— Pelo contrário. Não encontrei lá sombras disso.

— Como assim. Pois...

— O quarto estava deserto, mas saturado dum cheiro...

— A ambrósia, provavelmente?

— Não. A carne assada. Meu genro, cada vez mais estou convencido, é um homem de inqualificáveis caprichos, duma rara excentricidade. Saiu, ninguém sabe quando, nem para onde; ao menos não há criado que o diga; saiu com a noiva e deixou nas brasas do fogão um imenso pedaço de carne, quase reduzido a cinzas, com exceção da parte superior, que repele o mais sorumbático fastio.

— E então?...

— Então aquilo deve ser alguma preciosidade da inventiva culinária do visconde. E para seu castigo lembrei-me de lhe pregar uma pirraça, que, por cima, há de fazê-lo rir. Vinde almoçar comigo.

— Mas não será indiscrição?... observa o magistrado.

— Sou eu o responsável. Depressa! que não venha ele no entretanto.

Pouco depois entrava o velho folgazão com os dois filhos na câmara dos desposados, munido ele próprio dos apetrechos indispensáveis para o notável festim.

O sabor da carne não correspondia à aparência. Era excessivamente insulsa, viscosa e adocicada. Urbano Solar, desiludido, afirmava que só a sua experiência saberia esburgar os ossos convenientemente, assim como só o apetite saberia tolerar o dissaborido manjar.

O magistrado acabava de cair num reflexivo abatimento, encarando com olhos desvairados já na configuração da insulsa iguaria, já no lugar em que fora encontrada. Supunha ter tocado com a faca alguma coisa, como uma caveira humana transformada pela ação do fogo.

— Meu pai! exclama ele de repente com voz espavorida, aqui há um terrível segredo, um segredo muito espantoso. Este leito não dá sinais de que alguém se recostasse nele. Os criados afiançam que não saiu ninguém desta casa, e...

Todos estremeeceram. Ressoara a detonação dum tiro e, em seguida, sussurros e gritos no interior do palácio.

CAPÍTULO 8

Esopo, Fedro, La Fontaine e mil outros ilustres colegas, que me precederam, costumavam consagrar os últimos trechos das suas pingues histórias à dedução da moralidade nelas contida.

Por mim, inimigo figadal de relhas tradições, fiz protesto de os não imitar, embora receoso de cair em alguma das originalidades sandias que vão por esse mundo, fatos enfezados desta época inqualificável, em que cada sujeito tem uma luneta e certo sorriso, e sofre do nervoso, e tem fantasias lúgubres, julga sorver a imortalidade pelo fato simples dessas fendas e desses achaques. Apesar do bem fundado receio não quero ser imitador.

À parte o ódio ao ramerrão clássico, e a louvável ambição de conquistar direitos a original, e não sei que mais, sinto meu fraco por fechar um conto num lance desastrado, assombroso, nunca visto, tal que só de si possa tirar o sono por três

noites às sensíveis meninas, e chupar as excrescências adiposas e os mesmos volumosos redenhos aos graves papás interessados na leitura.

Faço de conta que os há interessados na leitura.

Posto isto, facilmente se reconhece que por forma alguma convinha ao meu intento reservar para o remate a fria moralidade, segundo usança dos meus defuntos confrades, acima citados. Mas, para que me não censurem por leigo na missão que escolhi, aí dou (a moralidade) em duas palavras suculentas, conceituosas e profundas como se me empertigasse sobre a sagrada trípode da sibila.

É ao formoso sexo que me dirijo, pois que não sei corrigir o vaidoso impulso de fundar toda a minha aspiração em ser-lhe de préstimo, como diretor espiritual.

Aprendam pois desta fúnebre história as donzelas inexperientes a temperar os amados ímpetos com o sal da desconfiança para que não vão encontrar às vezes, como no exemplo exposto, algum rude madeiro, que se transforme em cruz de suplício, em lugar de um galhardo marido, aparentemente cheio de vigor, de energia e seiva fluente de mocidade. A experiência anterior, a análise microscópica antecipada, é a meu ver a verdadeira tábuca de salvação.

Pobre visconde de Aveleda!

Quem sonhara, ao ver-te esplêndido, imponente e adorado, que cruel fim te reservava o avesso destino, sujeitando teu requeimado tronco aos apetites vorazes de famintos canibais, que, ainda na véspera, te abraçavam no desaforo duma amizade pura!

Altos juízos de Deus! E sirva-me essa vulgar exclamação, tão avezada a cortar pela raiz atadas questões de metafísica e teologia, a deixar nesta altura minhas fastidiosas divagações. É de justiça que não esqueçamos o nosso simpático Urbano Solar. Pede-o a própria caridade. Além de excessivamente encanecido e débil, oprime-o neste momento a mais incurável das aflições para lhe não levarmos já nossos benéficos socorros.

Podem os egoístas clamar que lá tem ele os filhos, que o aturem.

Esses mesmos, declaro eu, em despeito da robustez da idade, mal podem com a própria consternação para que atentem no acabrunhado pai. E se não haja vista ao que sucedeu no curto espaço do meu tardio discurso. Nada mais espantoso.

Ouviu-se, como fica dito, a detonação dum tiro. Estremeceram as vidraças,

reboaram os ecos, e no interior do palácio recresceram os gritos.

Os nossos gulosos interromperam assustados o ensosso banquete, em que o primeiro e único prato se compunha de carne de visconde, que deve ser mais estimada do que a de outro qualquer animal menos fidalgo, e presos, todos ao mesmo tempo, não sei de que terrível pressentimento, como por intervenção d'alguma invisível corrente elétrica, trocaram entre si ligeiras e apavoradas vistas, e voaram velozes para o lado em que recrudescia o ruído. Salvaram quatro a quatro os degraus das elegantes escadarias, que descem para os jardins, e só pararam no meio duma multidão de domésticos, que lacrimosos e dando pungentíssimos gritos se acercaram deles como pretendendo impedi-los de passarem adiante.

— Que é isto? Que aconteceu? perguntavam confundidos e impacientados.

— Desgraça!

— Senhores, senhores!

— Por Deus não queiram saber!

— Vão-se, vão-se. Não é aqui o seu lugar.

Tais são as baralhadas vozes, que regougam dos diferentes pontos do círculo humano, que os apertava. Urbano Solar compulsava já a realização de seus medonhos presságios, mas estava longe de suspeitar toda a enorme fealdade do acontecimento.

— Digam-me tudo, bradava ele. Quero saber tudo. Que foi? Digam. Falem. Anselmo, continua voltando-se para um velho criado, tu, que nunca mentiste, tu, que nunca me desobedeceste, porque não respondes quando eu estou a perguntar?...

— Senhor...

E a vozeria continuava.

— Fala, Anselmo.

— A senhora D. Margarida...

— Morreu?

— Está morta!

— Morta!

Adivinham-se os lábios que pronunciaram esta pungitiva palavra, e a acentuação dolorosa, de que vinha impregnada. Os dois mancebos, que por sua parte não tinham cessado de sondar a causa de tão grande alvoroço, mal a conheceram, abriram caminho, impelindo desvairados a multidão, tanto que lhes passou o atordoamento momentâneo do violento choque. Urbano seguiu-os precipitado com as faculdades em manifesta desordem.

Era ao pé da magnólia que os esperava o funéreo quadro.

D. João com os cabelos empastados, rotas e amarrotadas as vestes, repousava a face lívida e desfigurada nos joelhos do velho capelão do visconde de Aveleda, que se azafamava em estancar o sangue, que em borbotões lhe espirrava do peito. Ao lado jazia Margarida, submersa no sono da bem-aventurança, com a fronte despedaçada, pálida, mas sempre bela.

Sobre ela caiu em desprendidos soluços o estonteado pai.

— D. João! Também D. João!? exclama o mais novo dos irmãos, que em menos solene lugar denominamos peralta.

— Vive, responde o padre. Talvez seja ainda tempo de o salvarmos. Mandei a toda a pressa chamar um médico.

— Quem matou minha irmã? pergunta então pela terceira vez cego de furor, o magistrado.

— Suicidou-se, diz ainda o capelão.

— Suicidou-se! Porque seria?

— Está aqui, designando o moribundo, quem pode explicá-lo.

— E esse? Também se suicidou? Suicida-se toda a gente!?!...

Nesse instante descerraram-se as amortecidas pálpebras de D. João. Tremeram-lhe os lábios como num esforço para falar, até que fez ouvir algumas palavras soltas, precedidas de guturais e inarticulados sons.

— Veio? murmurou enfim.

— O médico? pergunta compadecido o padre. Há de vir. Agora descanse que vamos levá-lo daqui. Ânimo!

— Morre-se bem em qualquer parte, torna a débil voz do mancebo, enquanto à flor dos lábios lhe esvoaçava um sorriso cortante e irônico, como em resposta às palavras intencionalmente animadoras do capelão. De que me pode servir o médico?... E ele não veio?

— Ele! Mas quem?

— Quem!... o pai da infeliz. Tragam-mo, vão chamá-lo, tenho que pedir-lhe.

Seguia o velho um lamentoso queixume, estreitando ao peito o cadáver da filha. Foi com muito custo que alcançaram separá-lo dela, e trazê-lo à presença do moribundo suplicante.

Apenas D. João o encara, deixa transparecer uma indecifrável alegria. Assoma-lhe passageiro colorido às faces, ilumina-se-lhe a fisionomia, e num esforço impossível consegue erguer a meio o corpo. Mas bem depressa, extenuado, volve à primeira posição com os extremos da boca levemente tingidos de avermelhada espuma.

Todos se aglomeraram em roda, calados e comovidos, e sobretudo curiosos do que ia passar-se.

— Senhor Solar, consegue dizer por fim, o momento da minha tremenda viagem seria de incalculáveis agonias, se na despedida me não fosse dado implorar o perdão, não do mal que fiz, mas do mal que esta minha fraca e leviana cabeça empreendeu fazer-lhe. Confio que não há de recusar-me a absolvição. Bem sabe quanto é pouco azada para enganosos ardis a hora do passamento. Eu confesso singelamente o meu crime. Adorei sua filha. Adorei-a com o desenfreado ímpeto de rapaz ocioso. Não teria recuado diante da violência, se me fosse necessária para a possuir. E já que a minha consciência o exige, vou dizer-lhe, a que ponto me levou um desvario do coração. Quando eu supunha a senhora D. Margarida, cedendo a posse de todas as suas graças, de toda a juvenil formosura aos caprichos suaves do visconde, perdido, febricitante, lacerado de mil diabólicos pensamentos, atrepei da magnólia ao peitoril daquela janela. Soou ao mesmo tempo um grito de agonia e de terror, que me fez vacilar, e senti como que o baque de um corpo no fundo dum abismo. Lá dentro o visconde... Ai! o visconde... Fugi, rolando de ramo em ramo do cimo da magnólia, mais louco, mais perdido do que tinha entrado. Mal aventurei dois passos, tropecei num cadáver. Era Margarida. Ao clarão da lua vi que tinha despedaçado o crânio de encontro à aresta desse banco. Depois... Sei só que me queimava o cérebro este sol escandecente, quando dei acordo de mim e me encontrei ao lado dela. Então, receoso de que se me conglobasse o sangue no coração, quis excitá-lo com uma bala...

Esta breve narração, interrompida com as pausas e reticências do costume, que eu omito, diga-se baixinho, para que não fique picaresco um lance que a todo o custo quero muito sério, quase lhe exauriu o pouco de vida que ainda lhe restava.

— Mas o visconde? Que fazia no entretanto o visconde? pergunta o atribulado velho.

D. João abriu pela última vez as pálpebras, e despreendeu a existência nestas últimas palavras:

— Procurem-no nas chamas do...

— Nas chamas?... Ah!

E, tomado dum acesso de loucura, Urbano Solar arrasta violentamente consigo os dois filhos, que, estupidificados, se deixam conduzir sem resistência. Assim entraram numa sala. O velho fechou a porta e caminhou sereno e ereto para os mancebos que se prostraram quebrantados num sofá.

— Medistes, diz, medistes toda a grosseira fragilidade, toda a acanhada contextura da comédia humana, em que, por zombarias do acaso, tivemos o nosso papel. Aprendestes de mais para rir na adversidade. Coragem, pois! A vida é um sangrento escárnio, que se paga com outro escárnio. Deixai as lágrimas às mulheres, para que se não diga que tudo lhes tiramos. Eu estou sereno. Que importa que...? Margarida... o visconde... Sabeis?...

— Comemo-lo, respondem os dois com voz de dentro.

— Comemo-lo, repete o venerando ancião.

Eu, aproveitando-me de meus privilégios de narrador, ri-me por detrás dos bastidores.

Urbano Solar prossegue, trocando o estilo seco, nervoso e constrangido, em que começara, por outro mais apaixonado e aguado de lágrimas:

— Perdia-a... minha Margarida, a filha querida da minha alma... E como a perdi eu, e quando, e em que lugar!... De que me serviu a enlevada crença na sublime bondade de Deus, desse Espírito, tão poderoso como tirânico, que desfecha cego toda a sua cólera sobre um pobre velho piedoso e honrado? Porque me não escuta, ao menos, quando lhe peço a morte? Implorei-a do fundo da alma com fé, com amor, e desprezou-me os rogos. Prefere blasfêmias. Serão breves as minhas. Filhos, meus filhos, um último abraço. Vou morrer.

- Morrer!
- Necessito descanso. Suicido-me.
- Havemos de acompanhá-lo, meu pai, diz enfático, erguendo-se, o mais novo.
- Seja. Que se risque da terra nosso nome de família.
- Uma palavra, diz o magistrado com solene gesto.
- Breve.
- O visconde de Aveleda era milionário.
- Que mais?
- Não sei de parentes mais chegados do que nós.
- Mas...
- Somos seus legítimos herdeiros.
- Nós!!
- Oh!

Calaram-se. Nesse curto espaço de silêncio observou o magnânimo doutor que as fraternas e paternas feições iam resplandecendo pouco e pouco, como se um sol esperançoso acabasse de rasgar tempestuosas nuvens.

— Glória a Deus! clamam ambos. Estamos salvos! Bendito sejas tu, que nos salvaste!

E encanzinaram-se no magistrado, como molossos esfaimados num couro rijo de pernil de Lamego.

Coimbra, Abril de 1866